



Explorando Cartas na Turma do Chaves: Estímulo à Formação de Habilidades de Leitura e Escrita - Exploring Letters in The Kid: Stimulating the Formation of Reading and Writing Skills

Authors: Ana Clara Solon Rufino, Rosângela Araújo Darwich
Submitted: 6. November 2023
Published: 13. November 2023
Volume: 10
Issue: 6
Affiliation: University of Amazon, Belém, Brazil
Languages: Portuguese
Keywords: Illiteracy, Literacy, Reading, Writing
Categories: News and Views, Humanities, Social Sciences and Law
DOI: 10.17160/josha.10.6.945

Abstract:

This field study aims to promote the formation of readers and writers through the epistolary textual genre, even in times of predominant technology. The guidelines are based on the theories of Soares (2009) and Bakhtin (2003), the writing hypotheses of Ferreiro and Teberosky (1999) and the importance of writing and reading in life, according to Morais (2003). Adopting the methodology of field study and qualitative approach, we examined how students of the 6th grade of a public school in Pará and in the age group of 11 to 13 years approached these areas of learning, using episodes of Turma do Chaves (The Kid) related to letters. We highlighted the need for an interdisciplinary approach, with trained teachers, to promote reading and writing in all subjects.

JOSHA

josha.org

**Journal of Science,
Humanities and Arts**

JOSHA is a service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content



Explorando Cartas na Turma do Chaves: Estímulo à Formação de Habilidades de Leitura e Escrita - Exploring Letters in The Kid: Stimulating the Formation of Reading and Writing Skills

Ana Clara Solon Rufino, Rosângela Araújo Darwich
clara.solon@hotmail.com

University of Amazon, Belém, Brazil

Abstract

This field study aims to promote the formation of readers and writers through the epistolary textual genre, even in times of predominant technology. The guidelines are based on the theories of Soares (2009) and Bakhtin (2003), the writing hypotheses of Ferreiro and Teberosky (1999) and the importance of writing and reading in life, according to Morais (2003). Adopting the methodology of field study and qualitative approach, we examined how students of the 6th grade of a public school in Pará and in the age group of 11 to 13 years approached these areas of learning, using episodes of Turma do Chaves (The Kid) related to letters. We highlighted the need for an interdisciplinary approach, with trained teachers, to promote reading and writing in all subjects.



Resumo

Este estudo de campo tem como objetivo promover a formação de leitores e escritores por meio do gênero textual epistolar, em tempos de tecnologia predominante. As diretrizes baseiam-se nas teorias de Soares (2009) e Bakhtin (2003), nas hipóteses de escrita de Ferreiro e Teberosky (1999) e na importância da escrita e leitura na vida, segundo Morais (2003). Adotando a metodologia de estudo de campo e abordagem qualitativa, examinamos como alunos do 6º ano de uma escola pública do Pará e na faixa etária de 11 a 13 anos abordavam essas áreas de aprendizagem, utilizando episódios da Turma do Chaves relacionados a cartas. Destacou-se a necessidade de um enfoque interdisciplinar, com professores capacitados, para promover a leitura e escrita em todas as disciplinas.



1. INTRODUÇÃO

Roberto Mario Gómez y Bolaños é o criador e protagonista do seriado Chaves que há 50 anos vem encantando gerações¹. De forma despreziosa e inocente, essa turma envolve crianças e adultos nas suas trapalhadas, tirando risos e belas reflexões para a vida. Os episódios que tratam de cartas e bilhetes serviram de base para esta pesquisa desenvolvida no contexto da disciplina Língua Portuguesa, com uma turma de 6º ano de uma escola estadual de ensino fundamental e médio do Pará.

A motivação para este trabalho partiu da observação do grande déficit em relação à leitura e à escrita, nesta série, período em que se espera um nível de alfabetização mais elaborado, mesmo sabendo que a alfabetização acontece ao longo da escolaridade e em graus diferenciados.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o INEP (BRASIL, 2017), revelam a vulnerabilidade da educação brasileira em relação à alfabetização das crianças e dos adolescentes, pois, em Língua Portuguesa, no 6º ano do ensino fundamental, apenas 50% dos alunos possuem aprendizado adequado e, no 9º ano, este número cai para 30%. No Pará, nesta disciplina, estes índices ainda são mais preocupantes, considerando que nos anos iniciais a aprendizagem adequada é de 22,8% e nos anos finais é de 41,3%. Já no 5º ano, os alunos que demonstraram estar no nível básico desejado à série são de 37,4% e no 6º ano apenas 36,7%.

Os dados ainda mostram que apenas 61% dos alunos do 6º ano conseguem interpretar textos simples, 60% dos alunos do 9º ano conseguem interpretar textos dissertativos, 65% dos alunos do 6º ano não dominam cálculos e 60% dos alunos do 9º ano não sabem realizar cálculos com porcentagem. No 3º ano do ensino fundamental, última etapa da alfabetização, apenas 88,4% das crianças são aprovadas. Isso significa prejuízos às etapas posteriores.

Os resultados apresentados corroboram com os dados de distorção idade/série no Brasil. De acordo com esses dados, a taxa de distorção é de 12% nos anos iniciais do ensino fundamental e aumenta para 25,9% nos anos finais. Notavelmente, os percentuais de distorção são particularmente preocupantes no 5º ano (19,6%) e no

¹ As temporadas de Chaves estão disponíveis em um canal da plataforma YouTube, em <https://youtube.com/@CanalViladoChaves?si=YtOD6y-E4pjejyK0>



6º ano (27,4%), indicando uma deterioração no processo de alfabetização e no desenvolvimento das habilidades de leitura que esses estudantes deveriam ter adquirido.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), mostra que, entre crianças e jovens de 5 a 17 anos, os índices de analfabetismo são superiores nas regiões Norte, com 15,6%, e Nordeste, com 13,9%, sendo a média nacional de 11,4% (IBGE, 2016). De acordo com o MEC, na Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), o índice das crianças de oito anos com déficit na escrita foi de 34%, em leitura, e em matemática, de 55% (BRASIL, 2016).

Percebemos que há algo de errado nos inúmeros projetos educacionais e nas políticas públicas que visam alfabetizar, e por isso nos questionamos acerca de porque a maioria dos alunos chega ao 6º ano sem o nível de alfabetização adequado. Existe alguma metodologia capaz de contribuir para mudar esse quadro? Considerando essas perguntas, este estudo de campo tem como objetivo promover a formação de leitores e escritores por meio do gênero textual epistolar, em tempos de tecnologia predominante.

Alinhado à formação humana, fizemos a análise crítica da postura dos personagens dos episódios da Turma do Chaves em determinados momentos, dialogando acerca de valores éticos e morais. Afinal, há de se prestigiar uma leitura para além da codificação da escrita, que não utiliza apenas os símbolos alfabéticos, dando ênfase ao letramento.

Este estudo descreve as aulas e o trabalho com cartas, explorando a oralidade, a comunicação, a função social do texto e a análise gramatical como fase importante da oficina de escrita. Finalmente, propomos intervenções pedagógicas aos professores para a desafiadora tarefa de ensinar de forma consciente, com significado e resultados positivos.

2. DESCOBRINDO O MUNDO DA LEITURA E ESCRITA

As práticas de alfabetização através dos gêneros textuais possuem uma importância inquestionável. Nesse contexto, o emprego do gênero textual “carta” impulsiona o desenvolvimento discursivo por meio de atividades sociais que estão intrinsecamente ligadas ao aprendizado da oralidade, da leitura e da escrita. Simultaneamente, também aborda aspectos linguísticos, embora em um plano secundário. Essa abordagem não é menos significativa, mas sim uma



consequência do objetivo de formar leitores e escritores competentes. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 26),

Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão formas ao texto. É por isso que, quando um texto começa com “era uma vez” ninguém duvida de que está diante de um conto, porque todos conhecem tal gênero [...]. Do mesmo modo, pode-se reconhecer outros gêneros como cartas, reportagens, anúncios, poema etc.

Magda Soares (2009) aborda o processo de alfabetização e letramento sob a perspectiva das práticas sociais. Nesse contexto, ela estabelece uma distinção crucial entre alfabetização e letramento, delineando como a primeira se refere à aquisição das habilidades básicas de codificação da escrita, enquanto a segunda engloba a maestria social das competências de leitura e escrita, iniciando-se mesmo antes do processo de alfabetização. Um indivíduo letrado não apenas domina as habilidades técnicas, mas também compreende, interpreta e conduz análises críticas, aplicando esses conhecimentos em variados cenários, desde a leitura de textos até a utilização de serviços como caixas eletrônicos.

Por seu turno, Bakhtin (2003) ressalta a importância da aprendizagem a partir de gêneros textuais como meio significativo, pois o aluno faz a relação da escrita em seus diversos contextos e compreende a sua função nas situações comunicativas. Adicionalmente, as contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) acrescentam perspectivas relevantes ao processo de alfabetização. Elas questionam o paradigma anterior que se baseava na decomposição dos sons, presumindo que a memorização de segmentos fonéticos fosse o único método viável para instrução. Essa abordagem divergente foi construída sobre alicerces advindos dos estudos conduzidos por Jean Piaget, que também desempenhou o papel de orientador em suas pesquisas.

A psicogênese da escrita diz respeito ao processo de desenvolvimento da escrita como um sistema de representação da linguagem. Entretanto, para compreendê-la, os educadores necessitam compreender como essa construção ocorre, bem como entender as etapas das hipóteses da escrita pelas quais passam crianças e adultos, ainda que de maneiras distintas. Isso permitirá que intervenham de forma eficaz, ao propor atividades desafiadoras que impulsionem o avanço em seus estágios de



desenvolvimento. Esses estágios são classificados da seguinte forma: a) pré-silábico, quando não se domina o uso da escrita, mas sabe que a escrita representa a fala; b) silábico, quando se faz relação sonora, associando a fala a uma letra; c) silábico alfabético, quando se percebe que as sílabas podem representar mais de uma letra e; d) alfabético, quando já se domina a escrita convencional, lendo e produzindo pequenos textos, embora persistam dúvidas ortográficas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

As autoras ressaltam que a fase alfabética não significa o fim da alfabetização, mas que é necessário alcançá-la em graus maiores, sendo fundamental que o professor conheça o funcionamento cerebral no processo de aquisição da leitura e da escrita que não pode se dar desalinhado da reflexão sobre elas, pois,

a mão que escreve e o olho que lê estão sob um comando de um cérebro que pensa sobre a escrita que existe em seu meio social e com a qual toma contato através da sua própria participação em atos que envolvem o ler ou o escrever, em práticas sociais mediadas pela escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 8).

Compreende-se, assim, que a criança não está vazia em relação à apropriação da escrita, mesmo quando ainda não domina os códigos da língua. Vale lembrar que aprendemos a falar na convivência com o meio e, mesmo sem ter consciência das regras gramaticais, aprendemos a classificar por gênero, número, quantidade e tempo.

Por esta razão, quanto maior a participação em atividades orais ou em vivências leitoras com a oportunidade de ter escritas significativas, maior será a capacidade da criança de desenvolver competências de alfabetizada, visto que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2009, p. 13).

Após a alfabetização, muitos educadores questionam acerca de quando começar o ensino da ortografia. Artur Gomes de Moraes (2003) esclarece a importância do ensino ortográfico na formação de bons escritores, entre outros estudiosos e documentos que também discutem o assunto.

Em síntese, a alfabetização por meio dos gêneros textuais é de suma importância, e o uso do gênero “carta” é um exemplo que impulsiona a competência discursiva através de atividades sociais. Isso não apenas reforça o aprendizado da oralidade, leitura e escrita, mas também aborda aspectos linguísticos secundários. Essa



abordagem se origina do objetivo maior de cultivar habilidades de leitura e escrita competentes.

3. METODOLOGIA

Este estudo de campo, de abordagem qualitativa, foi realizado com uma turma de 6º ano composta por 27 alunos na faixa etária de 11 a 13 anos. Conforme Gonsalves (2001), a pesquisa de campo é um método que visa obter informações diretamente junto à população em estudo. Ela demanda uma interação mais imediata por parte do pesquisador. Nesse cenário, o investigador deve se dirigir ao ambiente onde o fenômeno se manifesta ou ocorreu, coletando um conjunto de dados a serem devidamente registrados.

A abordagem qualitativa fundamenta-se na premissa de que existe uma dinâmica relação entre o mundo real e o indivíduo, uma interconexão vívida entre o sujeito e o objeto, um elo inseparável entre o universo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento transcende a mera coleção de dados isolados, ligados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador faz parte intrínseca do processo de construção do conhecimento e interpreta os fenômenos, conferindo-lhes significado. O objeto não é uma entidade inerte e neutra; ele está imbuído de significados e relações que indivíduos concretos constroem por meio de suas ações (CHIZZOTTI, 1995, p. 79).

De início, a timidez dos alunos logo foi vencida pela participação e pela acolhida que a professora regente nos deu. Conhecer o perfil dos estudantes e criar vínculo com eles foi o primeiro trabalho a ser executado para posteriormente poder desenvolver a pesquisa na classe.

Na busca de estabelecer o diálogo e parceria, compartilhamos com os alunos os objetivos do estudo a fim de que entendessem o propósito da missão, se comprometessem com ela e ajudassem a executá-la. Prosseguimos, assim, com a atividade de alfabetização e letramento paralelamente, em busca de dar mais qualidade às produções e sondar como os alunos se comportavam frente à escrita. Observamos qual o nível de alfabetização em que estavam e como conseguiam pôr no papel o texto organizado mentalmente.



4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de reflexão e ação deu-se a partir do episódio nº 86 da Turma do Chaves, “O regresso da Chiquinha” (1975), em que o personagem Chaves lê a carta da Chiquinha para seu Madruga e faz uma série de antecipações desconexas do texto. Abaixo, um trecho da carta, disponibilizado no YouTube no canal Vila do Chaves:

Presente para o dente.

Papa Querino (Papai querido),

Passei a semana toda tomando aulas de dança na epidemia de panças indigestas (academia de danças indígenas). Porcas, guaraná e bombas depois... (Polcas, guarânicas e bumba meu boi).

Ontem de manhã minha tia desentupiu o umbigo (discutiu comigo) e tudo isso porque eu sempre faço fofo... (fofocas). É só médio ruiva (Isso me deu raiva). Então eu tive uma ideia: procurei minha tia e lhe parti... (participei)... Disse a ela que meu pai é salvo (viúvo) e como vive só, eu quero voltar (morar) com ele e minha tia disse que tá bem!

Melhor me levar o cai pra trás (capataz). Eu vou chegar casada com o velho (chegar em casa). E como o capataz não sabe onde eu moro, seria bom que viesse me receber na estação, mas depressa que já está atrasado).

Vimos que Chaves usa a estratégia da antecipação da leitura, mas não faz a checagem ou verificação, o que pode dificultar a compreensão do texto e as inferências (interpretações) que o leitor pode fazer sobre ele. Enfatizamos a importância de saber interpretar o que lemos para entender a mensagem; depois, discutimos sobre a relevância da pontuação e lemos outro modelo de carta. Além disso, falamos da forma de organização textual (local, data, saudação, assunto, despedida, assinatura) e, também, pedimos para que os alunos apontassem lacunas na carta da Chiquinha, onde foi observada a data, e, mais uma vez, a pontuação e a despedida que não havia.



Conversamos sobre a carta ser a comunicação mais antiga das sociedades, acerca do tempo que levava para chegar ao destinatário, dependendo da distância geográfica entre este e o remetente. Observamos as diferentes formas de se reportar ao interlocutor, dependendo a quem a carta se destina; vimos que a linguagem pode ser formal ou informal, e a necessidade de se utilizar corretamente os pronomes de tratamento, pois, com certeza, um dia todos precisaremos usá-los em algumas circunstâncias da vida.

Além de conhecermos a história do selo, a turma organizou um dicionário para entender os termos como remetente, destinatário e o Código de Endereçamento Postal (CEP). Posteriormente, dando sequência às atividades, assistiram mais um episódio, o de número 192, no qual Chaves lê a carta do professor Girafales para seu Madruga – e as mesmas confusões se repetem. Ainda observaram novamente a estrutura de uma carta e a diferença entre carta e bilhete.

Na aula seguinte, iniciamos uma oficina de escrita de cartas para amigos e parentes distantes. Cada um pensava em um destinatário real. Nesse momento, não fomos corrigindo imediatamente as escritas para não impedir o pensamento, haja vista que, depois, estas serviriam para análise geral.

O próximo passo foi a escuta das cartas que permitiram aos alunos se apropriarem do uso da linguagem em diferentes situações e construir progressivamente seus próprios modelos, enriquecendo o vocabulário e os preparando para participar de palestras, entrevistas, debates, seminários e outras ações em que a oralidade esteja em uso.

Escolhemos algumas cartas com a permissão dos escritores para fazermos a correção comentada. Duas cartas foram transcritas e analisadas em grupo, visto que não dispúnhamos de tempo para fazer o mesmo com todas as produções, o que a professora poderia fazer em outra ocasião, em uma sequência didática abordando a gramática para o 6º ano.

O primeiro ponto a ser analisado foi a coerência do texto (início, meio e fim), também observamos a estética textual e pedimos alterações na diminuição das lacunas, na substituição das palavras repetidas por sinônimos, na aprimoração do texto, excluindo marcas da língua falada (e ai, tá bom...). Após, houve a revisão: focamos na redução, no acréscimo, sinalizando que sendo além de escritor, o aluno poderia ser editor do seu próprio texto.



Estudamos, também, a estrutura do envelope e como postar na Agência dos Correios. O trabalho culminou com a dinâmica do “Correio da Amizade” em que a turma trocou mensagens carinhosas e se divertiu com a Chiquinha, que entregava as mensagens aos participantes.

Foram dias de muita aprendizagem para todos. Enquanto docente, fui me reconstruindo, me reavaliando e isso me motivou a querer fazer o melhor que pudesse para os alunos e para mim que também estava fazendo experimentações pedagógicas que somariam a minha prática e que me dariam subsídios para refletir sobre tudo o que construímos juntos.

A formação humana como um dos eixos norteadores do trabalho, oportunizou refletir sobre a situação do personagem Chaves que não mora no barril como muitos pensavam, mas sim, na casa nº 8. Bolaños (2006). No livro “O Diário do Chaves”, Chaves relata que sua mãe o deixava na vila todos os dias para ir trabalhar até que nunca mais voltou. Assim, seu Barriga se sensibilizou com a situação do garoto e lhe deu a casa 8 para morar.

Foram analisadas várias situações: a agressão do seu Madruga quanto aos cascudos que dá no Chaves e beliscões no Kiko. Vimos o quanto avançamos nos direitos da criança e do adolescente, como a cultura vai mudando com o tempo, ademais, enfatizamos que as permissões do passado, hoje, poderiam causar repulsa.

Os alunos comentaram que, atualmente, a série sofreria muitas críticas e até censura por mostrar um professor que fuma e um homem que agride crianças. Questões éticas como a do carteiro Jaiminho e do Chaves que violavam as correspondências foram enfatizadas. Também o *bullying* que o Kiko sofre quando é apelidado de “bochecha de buldogue”, Dona Clotilde, ao ser chamada de “Bruxa do 71”, Nhonho, de “Seu Barriga”, entre outros, e o quanto essas atitudes podem ferir as pessoas.

Dos 27 alunos, 16 entregaram suas cartas e destes, 31,25% tiveram suas produções consideradas regular ao nível de 6º ano, pouco mais de 68% foram considerados inadequados ao se levar em consideração a função, a configuração textual e a sinalização das produções, pois, sem pontuação, fica difícil compreender a mensagem que o autor quer transmitir.

As práticas sociais de leitura e escrita demonstram que há diferentes formas de letramento. Os que têm mais oportunidade de ler e escrever tem maiores chances



de desenvolver essas habilidades. Bakhtin (2003, p. 265) já afirmava que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que se realizam)”, ou seja, a escola precisa aproximar o ensino, da vida, ao ser a porta para o mundo da leitura, pois nem todas as famílias têm o mesmo acesso, oportunidades de leituras e de frequentar outros espaços culturais.

Um aspecto muito importante é que produzir cartas levou os alunos a escreverem manualmente em detrimento do uso de apostilas, livros, celulares e computadores. Nesse âmbito, Corrêa e Carolina (2021), entre outros, publicou uma pesquisa sobre os benefícios de escrever à mão. Segundo as especialistas:

Atividade que é ensinada desde a infância, utilizar a mão para escrever parece não exigir muito esforço nosso. Mas, de acordo com neurologista Cláudio Falcão, do Hospital Jayme da Fonte, a atividade é bastante complexa do ponto de vista da atividade cerebral. ‘Escrever à mão envolve vários circuitos neuronais, incluindo o tato, a motricidade, a coordenação motora, a sensibilidade e a visão. Esses circuitos apresentam efeitos diretos na memória recente, que é a gravação imediata de uma informação, e na memória secundária, que é uma gravação mais definitiva’, explicou Cláudio (CORRÊA; CAROLINA, 2021, p. 2-3).

Da mesma forma, as produções textuais precisam ser valorizadas como um dos principais instrumentos de aprendizagem da escrita, que posteriormente também serão objetos de análises e de aprendizagem gramatical, na certeza de que esse conhecimento é indispensável aos educandos.

Uma vez que a ortografia é uma convenção social, não há como a criança descobri-la sozinha. Quando compreende a escrita alfabética e consegue ler e escrever seus primeiros textos, a criança já aprendeu o funcionamento do sistema de escrita alfabética. Mas desconhece a norma ortográfica (MORAIS, 2003, p.4).

Para Moraes (2003), o ensino da língua precisa acompanhar as práticas de leitura e escrita. O autor dá orientações claras quanto aos procedimentos que ajudam na aprendizagem da ortografia e ressalta a necessidade que o docente tem de



conhecer a origem dos 'erros' dos alunos, seguido de uma triagem e posterior classificação em: regulares, ou irregulares.

Para as regulares, o autor faz indicação metodológica de pesquisa das regras, de criação de conceitos pelos alunos a partir das descobertas e dos diálogos. E, assim, diferente do caso das irregulares:

Não há regras que ajudem o estudante a escrever corretamente. A única saída é memorizar a grafia ou recorrer ao dicionário. Elas se concentram principalmente na escrita: do som do s (seguro, cidade, auxílio); do som do z (zebu, casa); do som do x (enxada, enchente).

O emprego do h inicial (hora, harpa); a disputa entre e, i, o e u em sílabas átonas que não estão no final de palavras (seguro, tamborim); ditongos que tem pronúncia reduzida: caixa, madeira, vassoura etc. (MORAIS, 2003, p. 29).

Neste caso, o professor precisa ter o entendimento sobre o que precisa ser aprendido e o que precisa ser memorizado. Fez-se necessário enfatizar um aspecto fundamental do trabalho do professor: a avaliação, que, nesta situação, precisa acontecer no processo, e não apenas como um produto concluído em uma etapa. Quanto à avaliação da aprendizagem, verificou-se que está centrada mais nos resultados quantitativos, distante do que preconiza a Lei de Diretrizes e Base (LDB):

V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais [9394/96, Art. 24, V, p. 9] (BRASIL, 1996).

Há uma preocupação exagerada para se atingir as notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para se alcançar níveis de aprovação maiores, mas pouca preocupação, ou mesmo consciência, da importância da avaliação diagnóstica, processual e contínua. Prova disto é a forma como a avaliação acontece na maioria das escolas que a fatia, ou seja, divide em números, por exemplo, o trabalho vale 2,0 pontos, ornamentação da escola, 3,0 e prova 5,0



pontos. Que critério qualitativo há nesta avaliação? Nenhum. Por isso, a avaliação qualitativa diz mais sobre a aprendizagem que a quantitativa.

O enriquecimento cultural das pessoas passa pelas mãos dos professores, elemento fundamental na elevação da qualidade da educação. Mas, a realidade é que a falta de tempo para estudo, pesquisa e planejamento, também tem dificultado a vida do docente, que precisa lutar por esse espaço.

Portanto, o processo culminou com o incentivo à descoberta de escritores, baseada em atividades significativas e contextualizadas na qual a primazia da produção textual, em diferentes situações de interação social, foi estabelecida. Dessa forma, houve o despertar da consciência sobre a importância da escrita e sua beleza, assim como a ampliação dos saberes construído coletivamente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa se baseou no déficit em leitura e escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, tendo como motivador episódios que tratam da leitura de cartas da turma do Chaves. A metodologia do trabalho foi desenvolvida através de sequência didática com o tema “Experiências com cartas: A formação de leitores e escritores”.

Vimos que a maioria dos alunos brasileiros do 6º ano não possuem habilidades básicas para a série sendo esta situação preocupante pois serão futuros profissionais que gerenciarão a sociedade. A situação levou-nos a concluir que este déficit está ligado a fatores diversos, incluindo a formação dos professores e seu pouco conhecimento teórico sobre o processo de aprendizagem (saberes didáticos), mas também o ensino isolado da língua portuguesa e o raro uso de textos. É importante considerar que os professores se desdobram entre muitas turmas, muitas escolas, vivem entre muitos diários de classe, muitas provas para corrigir e pouco tempo para estudo, planejamento e pesquisa.

A avaliação da aprendizagem não pode ser considerada apenas a partir da prática pedagógica e da formação do professor. Ela perpassa por outras dimensões. Neste sentido, a fragilidade de uma escola sem identidade que não sabe quem é e nem que sujeitos quer formar, que não vivencia um projeto de educação compartilhado e efetivado no dia a dia, é prejudicial à educação. A questão é enraizada na sociedade, em que diretrizes e normativas não repercutem na prática de ensino, mantendo a situação de naturalização de desigualdades sociais.



Infelizmente, percebeu-se que a leitura parece estar restrita à prática de professores de língua portuguesa, porém a prática de produção textual precisa fazer parte de todas as disciplinas, assim como a variação de gêneros. Por esta razão, resgatar gêneros quase esquecidos, como é o caso da carta, foi importante para a preservação da memória da escrita ao estabelecer conexão entre a arte, a história, a tecnologia, a comunicação e a afetividade. Mostrou-se, também, que um programa de televisão ensina a ler textos implícitos e explícitos, que a arte pode ser um eixo norteador maravilhoso para a formação interdisciplinar.

Portanto, esta pesquisa reafirmou que é importante vivenciar práticas de leitura de diferentes gêneros literários cotidianamente. Por fim, é importante lembrar que o papel do professor neste processo é indispensável, pois um docente leitor-escritor tem plena capacidade de formar pessoas com competência para, além de codificar símbolos, saber usar a leitura e a escrita para a vida, já que os índices educacionais mostram a necessidade de mudanças nas práticas de alfabetização e letramento. No entanto, chegamos ao século XXI com instrumentos para lutar contra as tristes estatísticas de um país com mais de onze milhões de analfabetos absolutos e que continua reproduzindo em larga escala o analfabetismo funcional.

Em última análise, esta pesquisa ressalta a importância de reconhecer que a melhoria da educação e a superação do déficit em leitura e escrita não são empreendimentos simples ou isolados. Eles requerem esforços coordenados de educadores, pesquisadores, formuladores de políticas e sociedade em geral. Somente através de um compromisso contínuo e da implementação de estratégias fundamentadas em pesquisas sólidas, poderemos aspirar a um futuro em que a educação seja uma força transformadora para todos os cidadãos, capacitando-os a enfrentar os desafios do século XXI de maneira informada e habilidosa.



References

1. BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
2. BOLAÑOS, Roberto. Diário do Chaves. Suma de Letras, 2006. Disponível em: <https://espanholsemfronteiras.com.br/chaves-historia-completa>. Acesso em: 30 maio 2022.
3. BOLAÑOS, Roberto. Bilhetes trocados, 1977. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NjUpYRH1L18&list=RDNjUpYRH1L18&start_radio=1&t=381. Acesso em: 30 maio 2022.
4. BRASIL. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Censo Escolar. Brasília: INEP, 2017. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/01/1852259quase50dosprofessor-nao-tem-formacao-na-materia-que-ensinam.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2022.
5. BRASIL. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Censo Escolar. Brasília: INEP, 2016. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/sobre-a-ana>. Acesso em: 11 jun. 2022.
6. BRASIL. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA). Brasília: INEP, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2017-pdf/75181-resultados-ana-2016-pdf/file>. Acesso em: 17 jun. 2022.
7. BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC/SEF, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 30 maio 2022.
8. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/ PNE/SASE). Plano Nacional de Educação. Brasília, 2014.



9. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 5ª à 8ª. Brasília, 1998.
10. CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 1995.
11. CORRÊA, Marjourie; CAROLINA, Andressa. Escrever à mão, um ato de grande valia para saúde. Folha de Pernambuco, 03 maio 2021. Disponível em:
<https://www.folhape.com.br/noticias/escrever-a-mao-um-ato-de-grande-valia-a-para-saude/182134/> . Acesso em: 08 jul. 2023.
12. FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
13. FREIRE, P. Política e educação: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
14. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
15. GONSALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP> Alinea, 2001.
16. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Síntese de indicadores. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso em: 30 maio 2022.
17. MORAIS, Artur Gomes. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2003.
18. OLIVEIRA, Maria Sheleide Alves de. Didática no Ensino Superior: uma reflexão sobre teoria e prática. REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas, v. 4, n. 2, out. 2012.
19. SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2009.



About the Author

Ana Clara Solon Rufino is an arts teacher with a degree in Visual Arts and Image Technology from the University of Amazonia (2007). She holds specialization in Arts Teaching Methodology from UNINTER, Art Education from UNIASSELVI, and Special and Inclusive Education from UNINTER. Additionally, Ana Clara has obtained a degree in Literature from UNINTER in 2019. She is currently pursuing further academic qualifications, including a degree in Pedagogy and Psychopedagogy at CENSUPEG. Ana Clara is an active member of the research group "Poetry in Everyday Life: Experiential Groups and Resilience" at UNAMA. She is also pursuing her Master's degree in Communication, Languages, and Culture from the University of Amazon (PPGCLC/2023).

Rosângela Araújo Darwich is a licensed Psychologist (CRP-10/725), a practicing psychotherapist, and a permanent professor at the University of Amazon (UNAMA). She holds this position within the Postgraduate Program in Communication, Languages, and Culture (PPGCLC) and the Psychology course. Rosângela completed her Ph.D. in Psychology: Behavior Theory and Research at the Federal University of Pará (PPGTPC/UFPa) and is a specialist in Cognitive-Behavioral Therapy (CENSUPEG). She also conducted a post-doctoral internship at the Protestant University of Applied Sciences in Freiburg, Germany.

She leads the research group "Poetry in Everyday Life: Experiential Groups and Resilience," is one of the leaders of the Amazonian Text Interfaces Research Group (GITA), and is a member of several research groups, including "Narrative and Media Events: methodological challenges for the apprehension of Amazonian glocal experiences" (PPGCLC/UNAMA, PPGCOM/UFT, and PPGCOM/UFGM). These groups have received recognition through Notice 21/2018 (PROCAD-Amazônia/CAPES). She is also affiliated with the Center for Cultural Diversity and Socio-environmental Sustainability in the Paraense Amazon (Graduate Development Program - PDPG/CAPES - Legal Amazon, PPGCLC-UNAMA/PPGC-UNAMA) and the Literature, Translation, and Image Studies group (PPGL/UFPa).